1.º anno Lisboa, 15 de junho de 1885 Numero 51

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thoma Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*A Luiz de Camões*, soneto, por Abel Xavier Teixeira de Magalhães.—*As nossas gravuras.*—*Em familia.*—*Um conselho por semana.*—*A praça da Figueira*, por Alfredo Gallis.

GRAVURAS.—*Palacio do governador em Dilly (Timor).*—*No cemiterio da aldeia.*—*A despedida.*—*Um coelho só!*—*Imprensa Nacional de Lisboa.*

CHRONICA

Virá o cholera? Ficar-se-ha por Hespanha? Não sei.

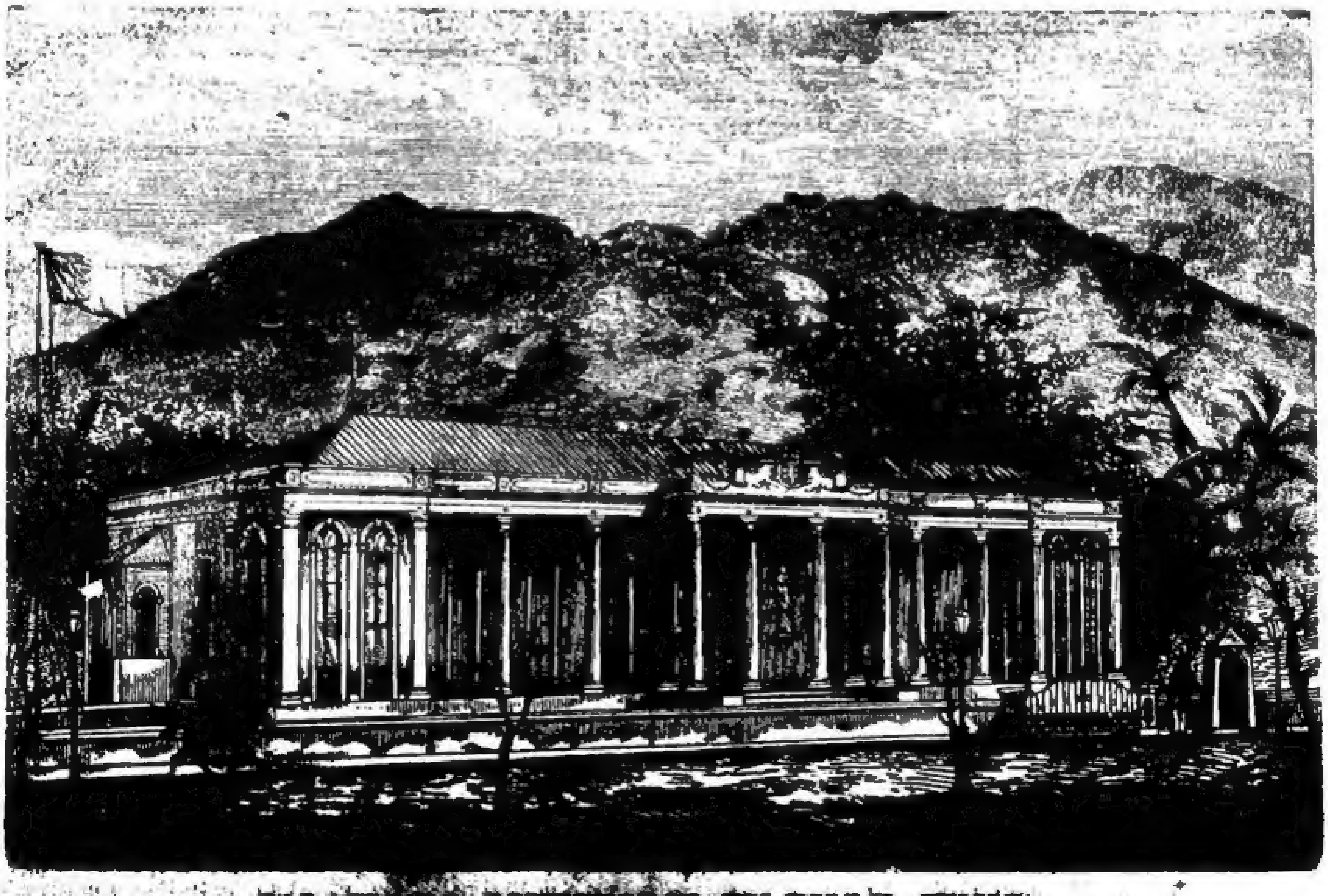
Eu deito-me á ventura, e espero-o com a serenidade imperturbavel d'um justo, que já fez exame de consciencia e tem a malas preparadas para a eterna viagem.

Tremer, não tremo; fugir, não fujo, que o fugir e o tremer é dos fracos. Aguardo-o de frente, e sinto-me até capaz de lhe fazer uma pega de cara, transgridindo as posturas policiaes.

Pois é claro.

Depois, eu já vi o microbio de perto, a tripudiar em volta do meu berço. Conheço-o; é minha visita; aspirei-lhe na meninice as emanações lethaes; assisti, de sorriso infantil nos labios, ás suas proezas rocambolianas; vi baquear, junto de mim, ao mandato imperativo do monstro, grande numero de valentes.

Ora, quando elle não conseguiu apavorar-me no seu giro satanico em de redor do meu berço, é evidente que não me fará



PALACIO DO GOVERNADOR EM DILLY, (TIMOR)

tremer quando já estou de pés para a cova, affeito a todos os vendavaes da vida.

E perdoe-se-me uma infantilidade ingenua: eu chego a não lhe ter odio. Por mais que queira não posso arrancar aos bicos da penna adjectivos acerados como laminas de Toledo, e brandil-os contra aquelle inimigo feroz da humanidade.

Será reconhecimento? Será que o vejo atravez um prisma luminoso, muito menos mau do que o pintam, muito menos feio do que o imaginam?

Talvez.

Podia matar-me e não quiz: poupou-me a vida. Quem sabe mesmo se elle teve a gentileza de embalar os meus somnos de creança com as suas soporiferas canções asiaticas, e se me presenteou com alguns *bonbons* trazidos das margens do Ganges? Tudo póde ser.

O caso é que o não temo. Se vier, veio, e se não vier, passe lá muito bem sem mim por Hespanha, veraneando alegremente desde Madrid até Valencia, desde o Buen Retiro até ao Grao.

Francamente, seria de mau gosto ultrapassar a fronteira e metter-nos o nariz em casa. Isto aqui não tem que ver: é um burgo podre, uma miseria. As nossas mulheres—perdoa-me, leitora—não podem competir em elegancia fidalga com as madrilenas *d'élite*, nem em desenvoltura *salerosa* com as valencianas de primeira agua. Os nossos oradores parlamentares não teem a eloquencia pujante de Castellar nem o verbo lamartiniano e enflorado de Segismundo Moret.

Fica-te por lá, meu caro microbio; escuta a prosa inflammada de Sagasta, que não é positivamente a do sr. Braamcamp, e mira-me bem essas Lolas de Madrid, que nós só costumamos importar quando já estão na decadencia, gastas e enfermas, com a corôa de flor de larangeira completamente murcha e amachucada.

Visitar-nos? Para que? Pensas acaso divertir-te, gozar entre nós umas distracções paradisiacas, viver vida de principe, sentir nas tuas carnes as caricias quentes d'alguma Pepa em primeira mão?

Pois não sentiste!

Isto por cá está morto; não tinhas aqui nada que fazer.

Os theatros fecharam. O Colyseu trancou as portas no melhor da festa, fazendo-nos a enganosa promessa d'um *Roberto* que não chegou a ser cantado. O Rubis foi assentar praça no exercito italiano. O Guardenti exhibe-se nos palcos de feira, d'onde nunca devera ter sahido. A *diva* Martinez canta o *Trovador*, com os seus gestos largos, no Principe Alfonso de Madrid. O Gymnasio amadornou por alguns mezes, deixando de si uma memoria miseravel. O Polla reformou-se, a Maria das Dores foi brutalmente arremessada para a vala rasa dos artistas inuteis, e a sr.ª Fantoni finge que canta, como a sr.ª Canaria vae fingindo que ainda vive, olhando-nos do alto das suas setenta primaveras lyricas.

Ora ahi tens o que te está reservado, se vieres. Os dias uma tristeza, as noites uma semsaboria. Pelas duas da tarde, um calor de trinta grãos á sombra. Pelas oito da noite o *Boccacio* na Trindade, uns cavacos senis no Gremio, a feira das Amoreiras, o coaxar das rãs nos lagos da Avenida, a *Perola* de quando em quando no Principe Real, um passeio de americano a Algés, por entre os *effluvios* do Aterro, e as sessões sonnolentas da Camara dos deputados, á luz do gaz sumido ou da stearina lugubre, onde uns sujeitos graves discutem se o presidente do municipio deve ter carruagem paga.

De resto, as eternas palestras da Havaneza, o café do Martinho, e á ultima hora a *Kermesse* do Asylo da mendicidade, uma festa feita de proposito para provar que o gaz não se reputa vencido pela luz electrica, e que o indigena é capaz de despir a camisa do corpo para matar o vicio da batota.

Se não estás endinheirado, foge a este sorvedoiro dos nossos ultimos cobres, e se estás, paga com o teu ouro os beijos frementes das madrilenas bonitas.

Não venhas de noite á *Kermesse*, não venhas!...

Disseram por ahi uns noticiaristas indiscretos que o microbio tivera a infeliz lembrança de entrar pelo Minho, na bagagem d'uns trabalhadores d'Alicante. Constou tambem que elle fôra visto simultaneamente para as bandas d'Alfama e perto do caneiro d'Alcantara

Lisboa apavorou-se um instante com a má nova, mas nem por isso, passada a primeira impressão, deixou de entoar os seus descantes lendarios ao casamenteiro Santo Antonio, de saltar as fogueiras tradicionaes, e de batotear caridosamente na *kermesse* dos asylados,—*artilheiros manhosos*,—como lhes chamam os garotos no seu calão pittoresco.

E' que os *reporters* do jornalismo mentem por habito, e a nova da apparição do cholera em Vianna e Lisboa era um *canard* de mau gosto. O povo, quasi sempre ingenuo, não teve, d'esta vez, a singeleza pacovia d'acreditar na noticia pessimista, e divertiu-se, e comprou o mangerico repolhudo do costume na praça da Figueira, e riu-se do microbio, e queimou alcaxofras pelas suas bem-amadas, na chamma intensa do alecrim bem cheiroso.

Valente povo!

E' mister que este valor não se extinga e que o medo nos não assalte. Votemos ao cholera asiatico o mesmo soberano desprezo com que o fulmina o celebre professor da Faculdade de medicina de Paris, mr. Peter, adversario *enragé* do celebre Pasteur.

O cholera—diz elle—enfileira-se, é certo, na série enorme de doenças que podem mandar-nos d'esta para melhor vida, mas afinal não é tão feio como querem pintal-o. Fugir do microbio é um erro. Voltar-lhe as costas, emigrando, é um disparate. Não se está mais em segurança fóra da região contaminada, do que no proprio seio do foco d'infecção. Quem foge ao flagello não póde ter a certeza de que o flagello não lhe vá no encalço.

Mr. Roger, outro sabio academico parisiense, tambem trata o cholera de chacota, e acaba de dizer a um dos redactores do *Gaulois*:

«Que Paris não deixe de dar festas, e que a sua população não deixe de divertir-se com receio do cholera de Hespanha. Haja gaudio, e não se substituam os folguedos populares por medidas que lançam o terror nos espiritos.

Sobre tudo, a imprensa que trate de desfazer o medo nos animos fracos, porque o medo tambem mata.»

Sigamos nós os conselhos d'estes dois sabios, passemos o tempo o mais alegremente possivel, e não nos deixemos morrer de medo, que é muito mais vergonhoso que morrer do cholera.

O que diriam os hespanhoes!

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

XXIV

Não se supponha de modo algum pelo que tenho escripto que sou hostil ao sr. Gomes de Amorim e ao seu livro. Pelo contrario, applaudo o merito incontestavel do illustre escriptor, e admiro o livro em que tantos dados valiosos estão compendiados, e em que se presta a Garrett uma homenagem tão sincera e tão profunda; mas confesso que não posso tolerar a sem-ceremonia com que o sr. Gomes de Amorim, para melhor exaltar Garrett, criva de epigrammas e de apodos os dois grandes vultos de Herculano e de Castilho.

Mostrámos como o sr. Gomes de Amorim era injusto com Antonio Feliciano de Castilho; mas devemos confessar que o tom acrimonioso com que se refere a Herculano nos surprehendeu ainda muito mais. Parece que o irritou haver um critico que fez a comparação de Camões com Herculano, e d'ahi resultou tornar como que Herculano responsavel pela lembrança do seu admirador.

O sr. Gomes de Amorim não se abstem de fazer comparações. Para elle, Garrett é Camões, e Herculano, João de Barros! A comparação, a dizer a verdade, não é tambem lá das mais felizes. João de Barros e Herculano escreveram ambos historia, isso é certo, e ambos tambem compozeram romances, não ha duvida. E, posto isto, aqui temos o sr. Gomes de Amorim a pôr n'um prato da balança o *Clarimundo*, no outro o *Eurico*, no primeiro as *Decadas*, no ultimo a *Historia de Portugal*, e a reconhecer que ha um perfeito equilibrio.

Ora, se nos dá licença, protestamos, sem desenvolvermos o protesto que nos levaria muito longe. O historiador genial, que soube resuscitar com uma intensidade de vida extraordinaria a sociedade portugueza dos primeiros seculos da monarchia, não póde equiparar-se pura e simplesmente ao vernaculo e classico historiador dos nossos feitos indianos. Sentimos que o sr. Gomes de Amorim não visse na *Historia* de Herculano mais do que uma chronica bem escripta.

Repare bem: se Camões fosse apenas um poeta classico eximio, o Virgilio portuguez do seculo XVI, a sua obra não teria sobre a obra de João de Barros a superioridade que todos reconhecem; estariam um para o outro na proporção em que no tempo de Augusto estava Tito Livio para Virgilio. Se Camões tem uma significação mais larga, é porque é acima de tudo o poeta das tradições nacionaes, aquelle cuja voz é o echo dos cantos e das inspirações populares. Foi assim que Garrett se approximou da sua inspiração, mas Herculano fez na historia o que Garrett fizera na poesia, e João de Barros não fez na historia o que na poesia fizera Camões.

Mas o sr. Gomes de Amorim embirrou em chamar João de Barros a Alexandre Herculano, e até acha um novo ponto de semelhança na fortuna que os dois historiadores tiveram, comparada com o infortunio que assaltou os dois poetas!

«Torna-se porém singular, diz o sr. Gomes de Amorim, que, assim como outr'ora deixaram morrer Camões de fome, ao passo que votavam a João de Barros pensões enormissimas, tambem hoje toda a admiração e respeitos sejam só para Herculano, e acintemente se esqueça Garrett com ingratidão monstruosa!»

Sinceramente não sei bem qual foi a dadiva generosa que a patria fez a Herculano, e que se podesse comparar á concessão da capitania do Maranhão no Brazil feita a João de Barros. Não sabia que Herculano fôra um dos donatarios da corôa n'este nosso bemaventurado seculo XIV, em que tanto florescem as letras! Suppunha pelo contrario que Herculano, á custa de muita fadiga e de muita economia é que conseguira pôr de parte o pobre rolo de moedas com que comprára Valle de Lobos!

Não foi assim, ao que parece! Para Herculano todas as munificencias da patria! para Garrett todos os desprezos! Aquelle carregado de pensões, este morrendo quasi de fome no catre de Santa Izabel!

Sejâmos justos porém; não é bem isso o que o sr. Gomes de Amorim quer dizer. O sr. Gomes de Amorim suppomos que afinal de contas sempre reconhece que Herculano não teve precisamente uma pensão enorme, nem recebeu da gratidão nacional uma provincia africana. Reconhece egualmente, supponho eu, que as honras e os empregos foram mais para Garrett do que para Herculano! O que o incommoda porém é o seguinte:

«No orçamento d'este anno (1882) figuram 10 contos de réis votados pelas côrtes para se erigir um monumento ao historiador: está aberta uma subscripção nacional para o mesmo fim, e só um subscriptor assignou com 6 contos de réis! Para honrar a memoria do reformador do theatro, do mestre da poesia e da eloquencia, não ha deputados nem pares no parlamento, dinheiro nos cofres publicos, nem nos particulares, gratidão nos homens que o tiveram por companheiro e amigo fidelissimo, nem nos filhos dos que elle illustrou com as maravilhas do engenho!»

Ora tenha paciencia o sr. Gomes de Amorim, mas como o signatario d'estes artigos foi um dos deputados que votaram os dez contos de réis para o monumento de Herculano, sem por isso julgar que insultava a memoria de Garrett, quero defender-me.

Sabe o sr. Gomes de Amorim porque é que tem havido mais algum empenho no monumento para Herculano do que houve em tempo no monumento para Garrett! E' simplesmente porque as pessoas que tomaram a iniciativa do monumento de Herculano teem sido mais activas e mais energicas de que o foram as que tomaram a iniciativa do monumento a Garrett. Quando o grande poeta morreu, succedeu o mesmo que succedeu quando expirou o grande historiador. Reuniu-se uma commissão, obteve adhesões importantes, depois... depois não se tornou a reunir. E' o sr. Gomes de Amorim quem o refere.

«Passou-se um mez sem que nos tornassemos a reunir», diz o sr. Gomes de Amorim, depois de dar conta da primeira sessão. Conta depois o que se passou na segunda, em que vieram adhesões do presidente do conselho, d'el-rei, etc., e offerecimentos das emprezas do Gymnasio e de D. Maria para darem espectaculos em beneficio.

«Mas, continúa melancholicamente o sr. Gomes de Amorim, nunca mais se reuniram todos os vogaes. Os que compareciam, vendo-se desamparados, foram esmorecendo successivamente, até que um dia se achou sósinho o que tivera a lembrança.»

Ora, se o sr. Gomes de Amorim, permitta-nos que lh'o digâmos, n'essa occasião tivesse pegado na penna e tivesse escripto nos jornaes o que escreve agora n'umas *Memorias biographicas*, talvez as coisas tivessem corrido de outra fórma. Mas um dos vogaes que não appareciam nunca era o sr. Antonio José de Avila, personagem importante. Lamentou-se o facto, provavelmente em silencio, mas não se estranhou em voz alta.

Os amigos de Herculano foram talvez mais intrepidos ou mais felizes do que os amigos de Garrett. Proseguiram na sua empreza; quando receberam as adhesões, em vez de se não tornarem a reunir, acceitaram-n'as e deram a tudo o necessario impulso. Se a commissão de Garrett não soube, ou não poude, ou não quiz fazer o mesmo, tanto peior para Garrett! Mas o que não é justo é que aquelles que não tiveram animo ou força para levarem por diante a homenagem que o paiz todo queria prestar a Garrett, vituperem os que mais alguma iniciativa tem mostrado no que respeita a Herculano.

O que sobretudo não é justo é que se menospreze a memoria gloriosa de Herculano para se vingar a memoria de Garrett! o que não é justo é que se suscite junto dos tumulos dos dois grandes homens uma verdadeira questão de senhoras visinhas!

Pois o sr. Gomes de Amorim não chega a dizer que, se Herculano teve uma grande popularidade, foi por ter sobrevivido a Castilho e a Garrett! A Castilho apenas sobreviveu dois annos, e os vinte e tres annos que sobreviveu a Garrett não foram de certo os mais brilhantes da sua carreira. Póde dizer-se que Herculano e Garrett emmudeceram quasi ao mesmo tempo, um porque veiu a morte cerrar-lhe os labios, outro porque lh'os cerrou uma justissima colera. Quando se enterrava nos Prazeres o corpo de Garrett, enterrava-se em Valle de Lobos o espirito de Herculano.

Mas descanse o sr. Gomes de Amorim, já que tanto o incommodou a homenagem prestada a Herculano, se o esforço empregado para se prestar o devido preito ao grande historiador sempre foi um pouco maior do que o que se empregou para se prestar a mesma homenagem ao grande poeta, não irá ainda assim muito mais longe. Vem depressa a indifferença no nosso paiz succeder a esses ephemeros enthusiasmos, e quando por acaso essa indifferença não se manifesta com bastante promptidão, vem logo um devoto da egreja proxima gritar não porque esteja ás escuras o templo do seu idolo, mas por haver ainda luz no dos visinhos, que foi sempre o que mais incommodou todos os bons Portuguezes.

Pinheiro Chagas.

A LUIZ DE CAMÕES

Ergueu, aguia soberba, o vôo ao infinito
em poema immortal, homerico, gigante!
Foi arrancar a lyra ás mãos do eterno Dante,
e, Prometheu, deu vida ás rochas de granito!

A patria era pequena; ergueu-se á immensidade,
envolvendo-a na luz do seu genio possante!
E passou, como um sol altivo, triumphante,
os umbraes do porvir—passou á eternidade!

A patria só lhe dera em premio d'essa gloria
O leito da miseria—o leito da indigencia!...
mas tinha de surgir em fim á luz da historia.

Eil-o erguido, de pé. O mundo é o proscenio
onde brilha o talento e fulge a intelligencia,
o livro colossal onde se inscreve o genio.

Abel Xavier Teixeira da Magalhães.

AS NOSSAS GRAVURAS

PALACIO DO GOVERNADOR EM DILLY (TIMOR)

O magnifico e elegante palacio, de cuja fachada principal a nossa estampa de hoje dá uma idéa, foi mandado fazer em Dilly pelo governador de Timor, capitão Hugo de Lacerda.

Tem de extensão 47 metros, e 20 de fundo. A frente, como se vê, é formada por uma vasta galeria, cuja cobertura assenta sobre dez columnas da ordem Toscana, e para essa galeria deitam tres bellos salões, dois quartos e os pavilhões extremos, que são os gabinetes particulares do governador e do seu secretario. Tem, alem d'isso, magnificas accommodações para a secretaria do governo, e para o governador e sua familia.

A fachada posterior do palacio prende com um outro corpo, que tem de comprimento 37 metros e onde se acham muitas e vastas accommodações. Uma grande parte do pavimento do palacio é coberta de marmore e a outra parte de tijolo.

Este vasto e elegante edificio foi construido em 15 mezes, e o seu custo total orçou apenas por 9:000$000 réis, approximadamente, tendo sido avaliado depois, por muitos estrangeiros que visitam Dilly, em quatro a cinco vezes o seu custo!

NO CEMITERIO DA ALDEIA

Um cemiterio singelissimo, como o de todas as aldeias, sem pompas nem riquezas.

Não se vê ali um mausoleo que ultrapasse audaciosamente os muros toscos do pacifico recinto. Tudo é pobre e modesto. Cruzes mal delineadas, sem inscripções litterarias, lageas tumulares grosseiras, sem relevos artisticos. De longe em longe topa-se com um cypreste esguio a ensombrar uma cova cerrada de fresco, ou com uma caveira hedionda a mirar-nos d'entre a relva basta.

Todavia, aquelle santo abrigo, miseravel e pobre, infunde-nos respeito. Parece que se está ali mais perto de Deus, que se comprehende ali melhor a triste realidade da vida.

Depois, nos cemiterios d'aldeia passam-se ás vezes scenas commovedoras, d'uma poesia que encanta.

E' ver a que a nossa gravura reproduz.

Aquelle bando de creancinhas ficou sem mãe. Desde que ella se partiu para a eternidade, a avó, uma velha decrepita e encarquilhada, acompanha-as todas as tardes a rezar, junto da cova humilde onde a infeliz repousa.

Que chova, que vente, não faltam á piedosa romaria.

A velhinha rega cuidadosamente umas flores singelas que dispoz sobre o tumulo da filha; e os pequenos, depois de terem rezado a sua oração quotidiana, conservam-se ali até sol posto, os mais velhos silenciosos e tristes, os mais novos doudejando sobre a erva crescida que brota das sepulturas.

Poetico e formoso quadro!

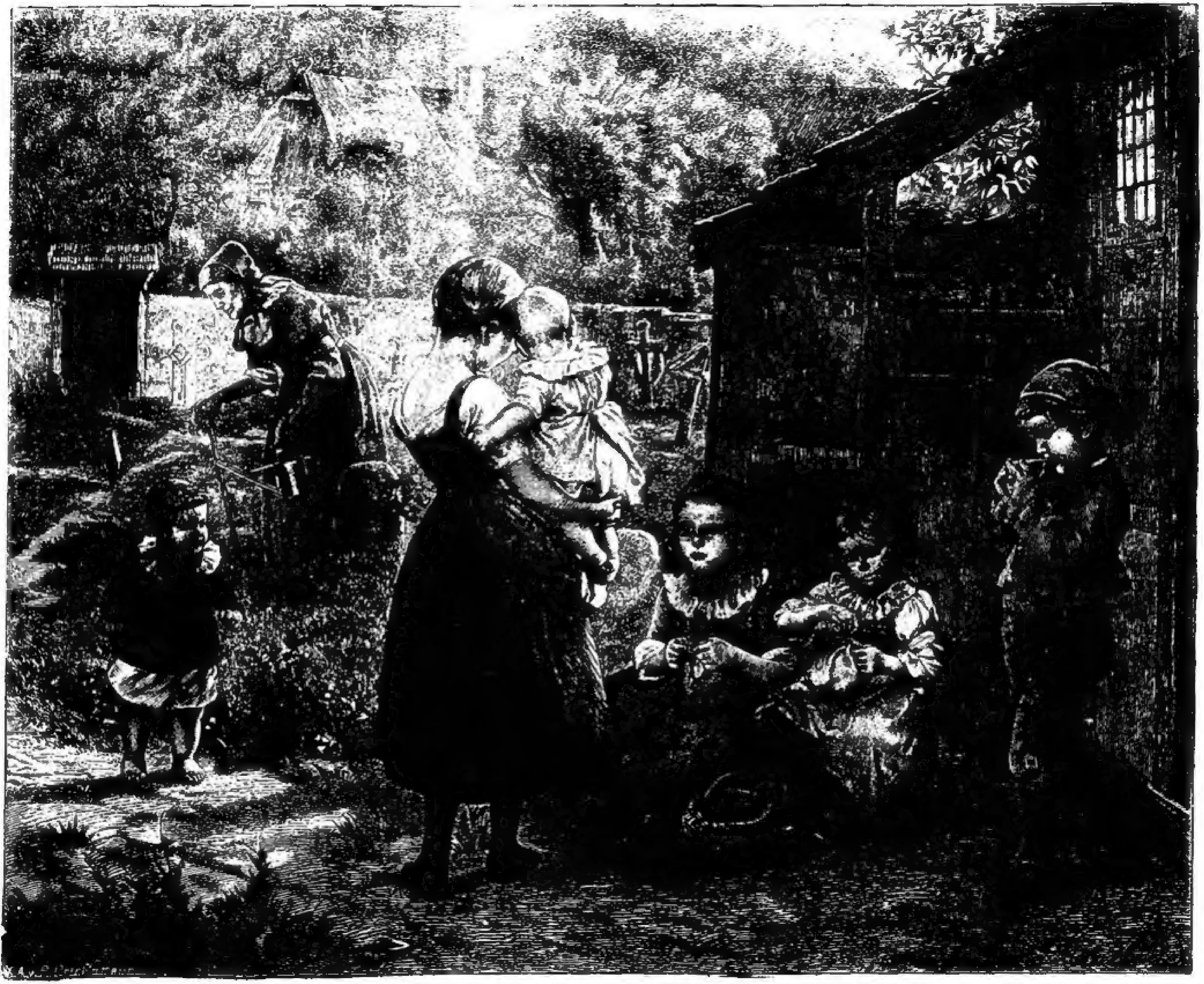
A DESPEDIDA

A *mise en scène* do quadro dá-nos a entender que aquillo se passou em Veneza *la bella*.

Elle, um fidalgo gentil, e ella, uma formosa dama patricia, amam-se, é claro. Amam-se e vão separar-se. Chegou a hora fatal da despedida, e não ha forças humanas que os desprendam um do outro.

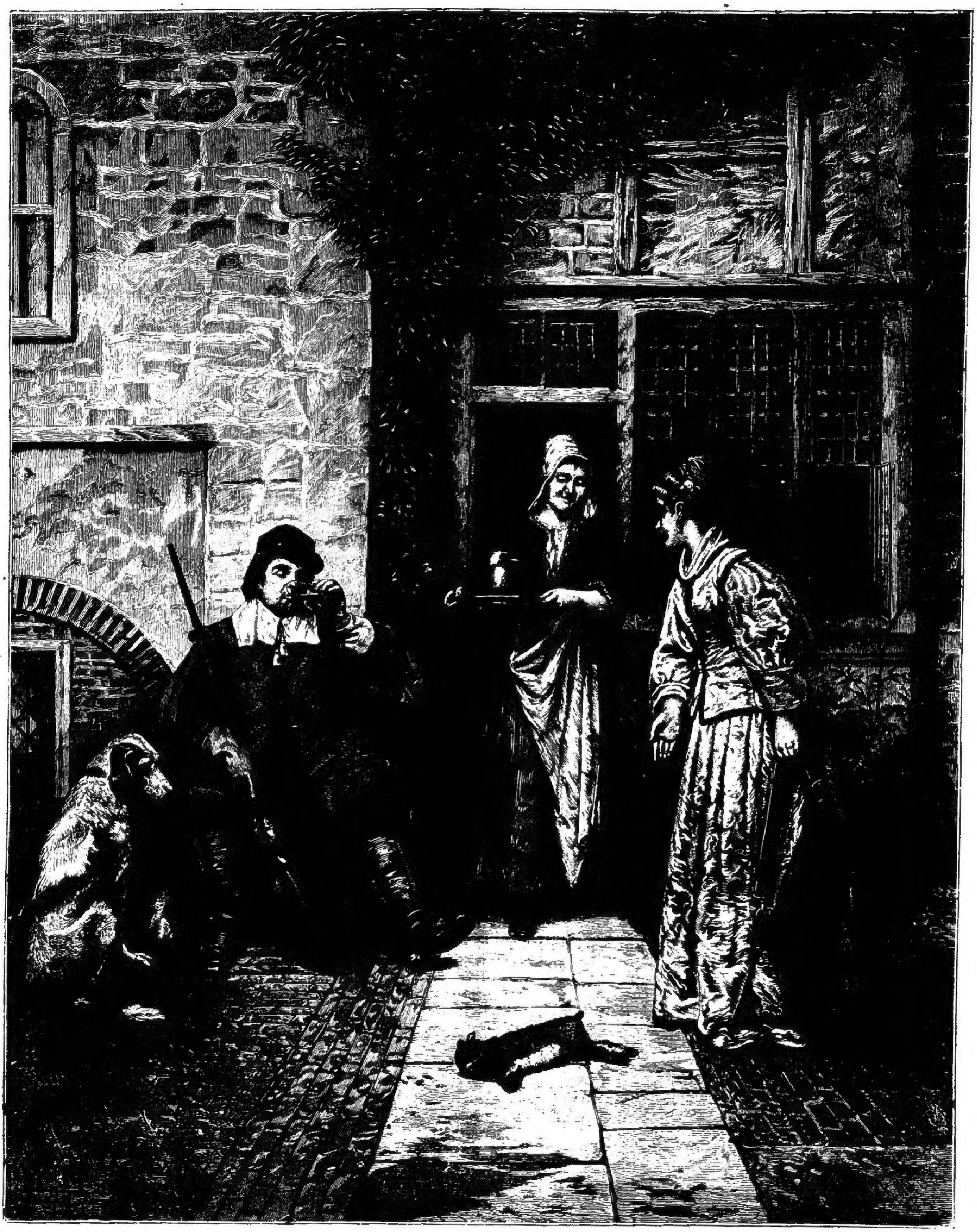
Elle tem-lhe beijado a mão mais de vinte vezes, sem se importar com os sorrisos ironicos do gondoleiro e com as espreitadellas d'uma mulhersinha curiosa, que disfructa, entre portas, a scena romantica do ultimo adeus.

Ella deixa-se beijar, e diz-lhe com os olhos tudo quanto os labios não podem dizer-lhe diante de testemunhas indiscretas.

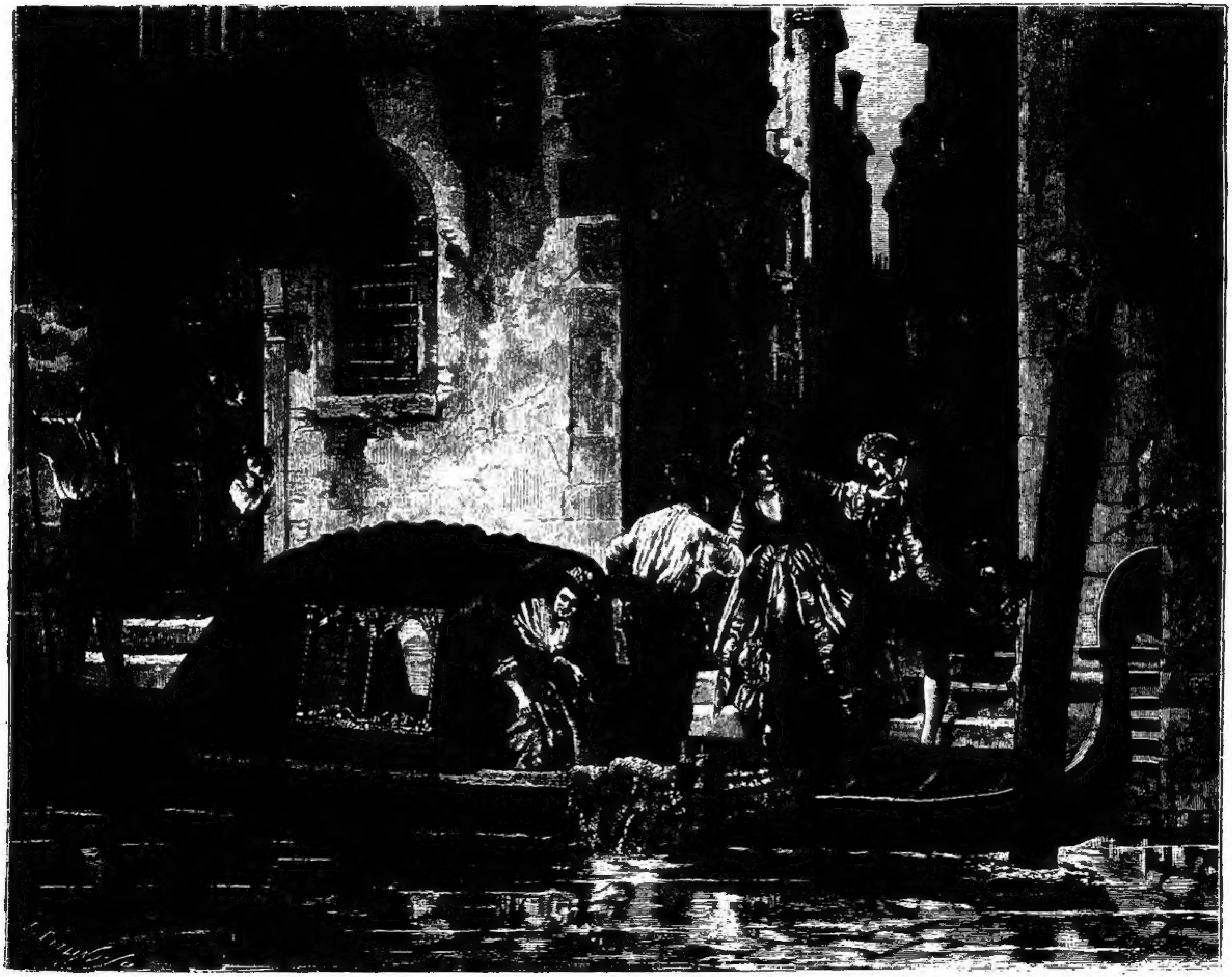


NO CEMITERIO DA ALDEIA

A ILLUSTRAÇAO PORTUGUEZA BRINDE DO 51.º NUMERO



UM COELHO SÓ!



A DESPEDIDA

A dama de companhia, que espera a formosa *donna* dentro da gondola, faz a vista grossa.

Afinal, sôa o derradeiro beijo, e ouve-se gorgear, em dueto, um *addio* prolongado.

Como elle, o *poverino*, vae ficar triste!

UM COELHO SÓ!

Fraco resultado de tanto trabalho! Um coelho só. São concordes todos em achar pouco valioso o fructo da labutação do caçador. O cão, a filha e a criada não acreditam que por tão pouco se incommodasse tanto. Quem sabe se andou á caça todo o tempo que esteve fóra? Sim, quem sabe? E' isto o que parece estarem a dizer, com aquella exclamação todos os circumstantes. Elle bebe stoicamente a sua cerveja. Cada qual póde pensar o que quizer.

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

E' opinião de alguns escriptores portuguezes de boa nota, que a typographia entrára em Portugal por 1470 ou 1474, sendo Leiria a cidade da peninsula hispanica em que se imprimira com caracteres metallicos moveis. Essa opinião comtudo, de certo inspirada por louvaveis sentimentos de patriotico pundonor, não nos parece que deva acceitar-se, porque se não firma em provas e testemunhos de tal ordem que desfaçam todas as duvidas e respondam ás objecções que naturalmente suscita. Póde, porém, affiançar-se que a invenção sublime do famoso Guttemberg é conhecida e praticada entre nós desde o meiado do anno de 1488, pelo menos, porque com a data de 1489 saiu á luz, impressa em Lisboa, uma nitida e correctissima edição do *Pentatheuco hebraico*; e ainda assim ao nosso paiz cabe a honra indisputavel de haver, n'este ponto, precedido nações bem mais poderosas, como a Russia, por exemplo, onde a arte typographica só penetrou em 1563.

Protegida efficazmente pelos nossos monarchas, como é indubitavel que o foi, e basta para o demonstrar o alvará de 20 de fevereiro de 1508, pelo qual el-rei D. Manuel concedeu a todos os que exercessem a arte de impressão, as graças, previlegios, liberdades e honras de que gosavam os cavalleiros da sua casa; ajudada tambem do publico favor, não só n'aquella cidade continuou desde aquelle anno a cultivar-se e a florescer a typographia, senão que dentro em pouco tempo Leiria, Porto, Braga e Coimbra com rasão se ufanavam de possuir dentro de seus muros este grande instrumento do progresso.

Foram tambem os nossos intrepidos navegadores e missionarios que, com a civilisação e a luz do evangelho, transportaram a typographia ás longiquas plagas do extremo Oriente. Goa, a opulenta metropole do vasto imperio lusitano na Asia, recebeu-a em 1560; e ainda no mesmo seculo, por mãos ou influencia de portuguezes tambem, foi ella egualmente implantada na commerciante Macau (1590); e no remotissimo Japão (1593).

De Allemanha nos vieram, como era natural, os primeiros mestres impressores, e porventura os typos, os utensilios e as prensas indispensaveis.

Iniciados e industriados por aquelles, em breve os nossos artistas conseguiram senão excedel-os, imital-os com vantagem; e nós observamos que quasi todas as typographias existentes em Portugal nos seculos XVI, XVII e XVIII eram dirigidas por typographos portuguezes ou por descendentes dos mestres allemães e de outras nações, que aqui se estabeleceram e naturalisaram, e como portuguezes devemos considerar; podendo affirmar-se, sem receio, que os Barreiras, os Marizes, os Alvares, os Craesbecks, os Galrões, os Manescaes, os Deslandes, os Amenos, os Silvas e outros não deslustraram a arte typographica, fazendo com que em muitas edições ou egualassemos ou pouco nos distanciassemos de nações mais importantes, e por varias circumstancias, a certos respeitos, mais adiantadas.

Quanto, porem, de progresso e de desenvolvimento teve a typographia em Portugal n'essas épocas, deveu-se sem duvida á iniciativa e esforço particular. Escola, propriamente dita, em que se praticassem e perpetuassem os melhores e mais rasoados preceitos, sem a mira no interesse material, muitas vezes inconciliavel inimigo de todo o adiantamento artistico, não a havia.

Foi o marquez de Pombal o grande e famoso ministro de el-rei o senhor D. José I, que primeiro concebeu e poz por obra o pensamento da creação de um estabelecimento, que fosse exemplar e escola da typographia em todos os seus ramos, em que se ensaiassem e praticassem os mais aperfeiçoados processos, em que se cultivasse a arte pela arte, e ao mesmo tempo se procurasse, em ordem a promover e facilitar a larga diffusão da instrucção publica, estampar por preços modicissimos os livros elementares, de que para as escolas recem-abertas ou restauradas se carecia. Era, para assim dizer, o substancioso prologo da vasta reforma dos estudos, pouco depois emprehendida e levado ao cabo com singular acerto e felicidade.

Estes intuitos patrioticos e civilisadores do consummado estadista estão expressos com clareza no alvará de 24 de dezembro de 1768, pelo qual foi fundada a impressão regia, hoje imprensa nacional de Lisboa.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

S. U. L. P.—Um poucochinho incorrecto, revelando a inexperiencia dos 15 annos. Talvez possa ir, depois de limado, mas não promettemos.

Euro.—O seu logogripho-decima não está á altura do outro que publicamos.

J. A. D.—Não recebemos o conto a que allude na sua carta.

Tom Pouce.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Tem corôa, por dentro do peito e por fóra d'elle—2—3.

Alimenta, alimenta e mata—1—1.

A vogal encaminha a ave—1—2.

Este homem, nos lagos suffoca esta doença—1—1—1.

E' um peixe rezinoso este artista portuguez—3—3.

No convento este homem é flor—2—2.

Este refugio tira a vida nas fortificações—2—2.

Brazil. Eduardo R. Leite.

Esta cidade d'Aveiro tem muita gente—2—2.

E' instrumento no macaco, na musica e na biblia—1—2—1.

Braga. J. Dias Velloso.

ELECTRICAS

A's direitas mulher, e ás avêssas tinta—2.

A's direitas ou ás avêssas rio—2.

A's direitas odio, e ás avêssas verbo—3.

A's direitas côr, e ás avêssas portugueza—2.

Lamego. Wladimiro Alexis.

EM VERSO

Eia! avante, charadistas!
Lancem mão das caçadeiras!
Apontar... vamos, não tremam,
Pontarias bem certeiras!

Se a não matam de repente,
Não lhe metterão o dente.

Dobrada a minha primeira
E soffrendo alteração,
Tens de ver um certo peixe
Caso queiras, caso não.—1

A segunda, oh! a segunda,
Co'uma deusa em addição,
E', leitor, dou-te a certeza,
Mui ligeira embarcação.—2

Eu já vi um sujeitinho,
Que era um tanto fanfarrão,
Puchar logo da catana
Se havia qualquer questão.

Mas um dia, na pancada,
Ficou só com meia espada.

Faro. Dominó Branco.

LOGOGRIPHO

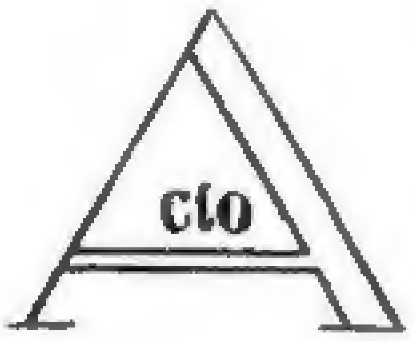
Animal vez em mim, com certeza—4—3—6
De pianos author celebrado—2—5—4—1 - 6
E' um fluido subtil que enche o espaço—3—1—2—5—4
E p'los russos é mui cubiçado—2—5—4—7—1

E' simples e facil!
Quem d'isto entender,
Com pouco trabalho
Um nome ha de ver.

Lisboa — MATHEUS JUNIOR.

ENIGMAS

Qual é a fructa que é capital d'uma ave?



Mertola. — ANTONIO MANUEL DA COSTA JUNIOR.

PERGUNTA ENIGMATICA

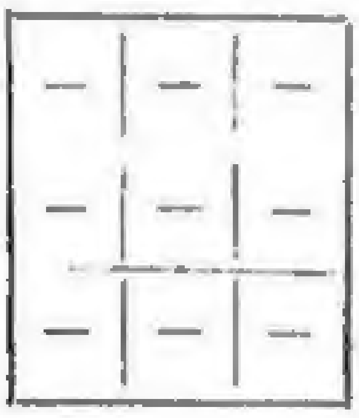
Qual é o rio da Europa que queima?

J. A. D.

PASSATEMPO

Preencher os nove quadrados com algarismos de 1 a 9, de forma que o producto da somma dos algarismos de cada tres quadrados collocados horisontalmente seja 15, devendo encontrar-se o mesmo resultado na somma dos de cada tres quadrados collocados verticalmente e bem assim nos de cada tres collocados diagonalmente.

Não se admittem algarismos eguaes.



Elvas. — A. J. N. S.

PROBLEMA

Uma mulher vende pecegos a 30 réis cada um, e maçãs a 120 réis a duzia; e recolhe para casa tendo recebido 2$190 réis. Pergunta-se quantos pecegos e maçãs vendeu

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Udometro—Alcalimetro—Boa-Nova—Gil Braz—Marido—Maia—Patarata—Aguara *(Lobo da America)*.

DO LOGOGRIPHO:—Dedicação.

DO ENIGMA: —Quatro contos são dez mil cruzados.

DO PROBLEMA:—153 vezes.

A RIR

Um rasgo de expansão filial:

—Oh! minha querida mamãsinha! Quanto eu te amo e como me sinto feliz em ser teu filho!

—Porque?

—Porque, ao menos, tenho a certeza de que nunca chegarás a ser minha sogra!

•

N'uma escola de adultos:

—Conjugue o verbo amar.

—Com quem?

—Comsigo mesmo.

—Não faço isso. Acho muito feio!

•

Um sujeito vae casar, por procuração, com a noiva d'um seu amigo. Depois da ceremonia condul-a a casa, e não lhe dirige palavra durante todo o caminho.

Perguntando-se-lhe a rasão d'este silencio, responde:

—E' que eu só tenho procuração para a primeira [illegible].

•

Um beberrão, muito espantado:

—Que é isto? Não bebo senão vinho branco, e assim mesmo vae-se-me fazendo o nariz vermelho!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

O tabaco deixa na bocca um cheiro detestavel, que affasta dos nossos labios os labios rosados da mulher amada.

E no entanto, é facil dissipal-o, empregando a preparação seguinte:

Chlorureto de cal secco......... 12 grammas
Agua distillada................. 60 »

Filtra-se e junta-se-lhe:

Alcool a 56º..................... 60 grammas
Oleo essencial de cravo da India. 1 decigramma

Deita-se uma colher, de chá, d'este liquido n'um copo d'agua, e lavam-se os dentes com a mistura, empregando a escova propria.

O mau cheiro desapparecerá completamente.

A PRAÇA DA FIGUEIRA

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Quem a viu e quem a vê!

Do que ella foi não resta actualmente nem um unico fragmento de velha telha, d'aquellas telhas muito musgosas e pesadas que cobriam os logares, e onde a erva crescia em paradisiacas florescencias.

A praça era, como hoje é, o principal, e durante muitos annos foi o unico mercado de Lisboa, mercado immundo e anti-hygienico, especie de palissada de pretos encravada no centro da cidade. Tinha a configuração de um quadrado formado por acanhados logares onde se vendia peixe, fructas, aves, sal, e uma miscellanea de comestiveis tisnados pelo sol, e bolorados pela humidade.

Os vendedores acudiam ali em grande numero, especialmente os de hortaliças.

Ao romper da aurora, as carroças carregadas de todo o genero de hortaliças vindas dos arredores da cidade, entravam na praça, ao passo que nas ruas da Bitesga e dos Douradores se accumulava um exercito de burros e machos lazarentos, que, com as cangalhas vazias, esperavam a carga d'aquelle dia para percorrerem, na companhia do vendedor ambulante, todas as ruas, beccos e travessas da capital. A vozearia era enorme n'aquelle recinto e áquella hora. As questões travavam-se em alta voz, a proposito de qualquer mão de nabos ou carrada de espinafres. A's oito horas, gallegos fortes como muares e estupidos como cevados, entravam na praça carregando á cabeça e a pau e corda as canastras de peixe vindas da Ribeira.

Os logares de venda de peixe ficavam a leste. Eram uns cubiculos immundos, repugnantes, attestados de velhos restos de canna, de intestinos de peixes, de sardinha salgada, de toldos usados, de chinguiços sebentos, de tamancos gigantescos e de baldes cheios d'agua negra e barrenta. Parecia impossivel como Lisboa comia peixe. E' verdade que, n'esse tempo, a agua do consumo publico era crystalina e pura, e como tal, o peixe lavado por ella ficava em estado de ser ingerido. Os logares da venda de aves ficavam a oeste, na rua denominada ainda hoje, das Gallinheiras.

Eram aquelles logares verdadeiros fócos de infecção, de tal fórma terriveis, que os proprios germens epidemicos nunca se aventuravam a transitar por aquella rua. A's horas calidas do dia, nos mezes de julho e agosto, qualquer d'aquelles hediondos receptaculos era mais perigoso que uma furna de esquimaus ou uma palhoça de hottentotes.

Barris de madeira não limpos ha mais de quinze annos, erguiam para o ceu a asquerosa rotundidade das suas boccas prenhes de sangue coagulado, e de intestinos e pennas de todo o genero de aves. A canicula fermentava aquelles monturos, que tarde eram levados pela carroça da limpeza, ficando os barris a vaporisar toda a immundicie susceptivel de se combinar com o ar athmospherico. Sobre bancadas de madeira velha, pintadas de verde, as gallinheiras expunham os melhores specimens do seu genero, que consistiam em gallinhas mortas e depennadas, com uma esphera de gordura sahida pelo ventre, indicativo supremo da qualidade da ave.

No passeio fronteiro, a cada extremidade da rua, havia dois sumidouros geralmente entupidos, e que davam vasão a uma alaranjada e caudalosa corrente de acido urico e amoniaco, cujas emanações se combinavam, n'um milagre de chimica organica, com as pestilencias dimanadas das aves em principio de putrefacção. A exemplo das gallinheiras, as peixeiras expunham egualmente o genero sobre bancas de madeira, d'onde escorria de continuo um filete de agua ensanguentada e suja.

Defronte dos logares das gallinheiras, ficava, como ainda hoje, a casa de pasto denominada dos Irmãos Unidos, uma das mais antigas e conhecidas de Lisboa. Alguns freguezes d'aquella casa jantavam ao balcão com a porta aberta, e os perfumes da sopa misturavam-se com os da rua.

Não nos consta que algum d'elles tivesse morrido envenenado.

A praça immunda, repugnante, asquerosa, tal qual nós todos a conhecemos, tinha o seu oasis.

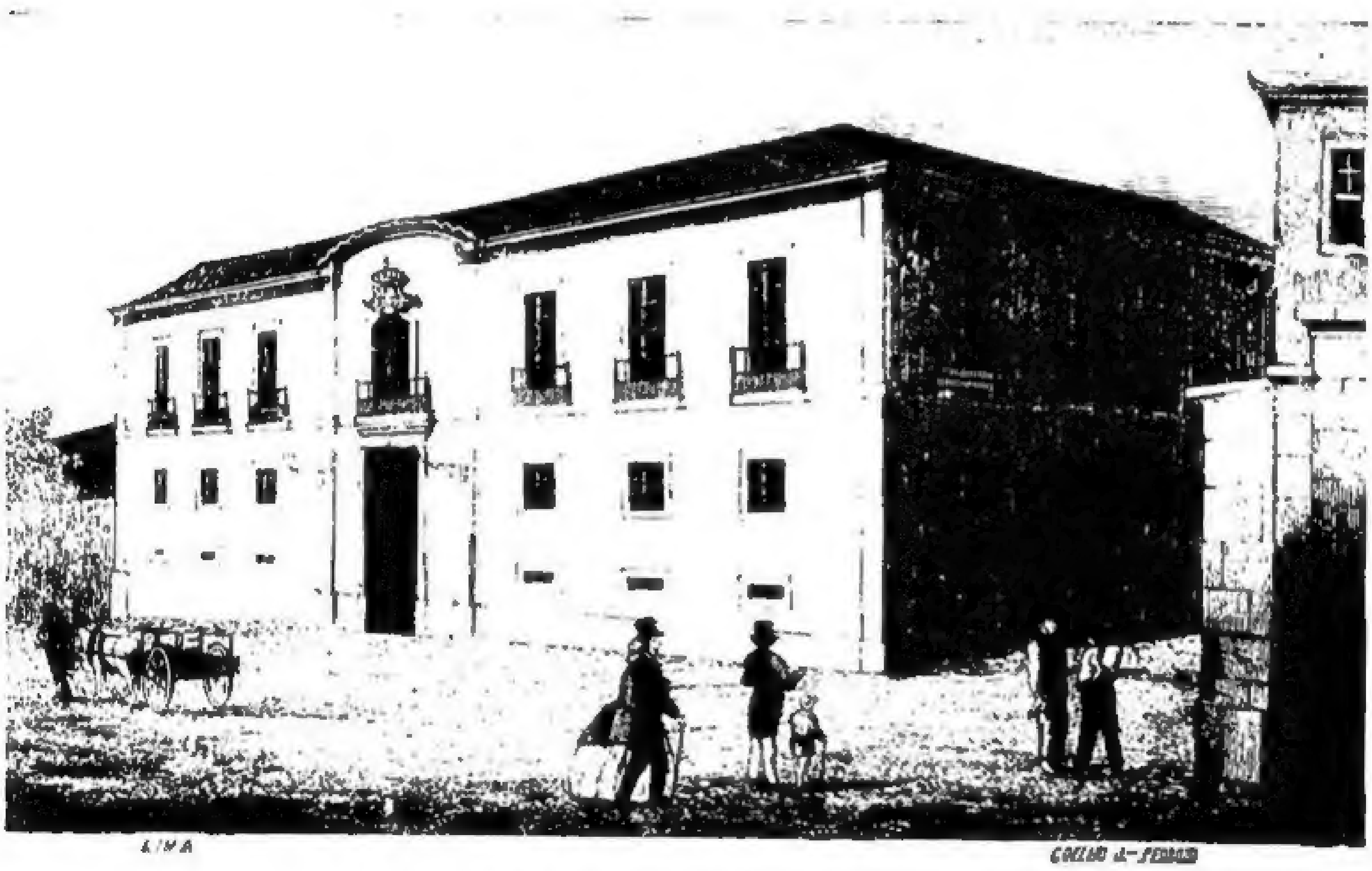
Não era para admirar, porque onde existem centenares de leguas de deserto de areia, a natureza collocou um kilometro de verdura, de sombra, e de fresca e limpida corrente.

Entre leguas de brutaes e feias montanhas de carvão, encontra-se um diamante.

Nas proprias associações de malfeitores ha sempre um homem de bem.

O contraste é uma necessidade palpavel, de que se não póde prescindir.

A praça tinha, pois, o seu contraste, equivalente a uma nota de limpeza e elegancia symbolisada pelo logar da tia Vicencia.



LIMA

COELHO & PEDROSO

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

A Vicencia era uma boa velhota completamente espherica, que desde muito nova possuia o sentimento do bello, e que não sabia vender senão do bom e do melhor.

Era fornecedora da Casa Real, e nas prateleiras do seu estabelecimento, cobertas de papel branco de jaspe e de toalhas alvas de neve, o ricaço encontrava sempre as melhores fructas que um gosto delicado póde appetecer. A velha vendedeira passava o dia sentada á porta do estabelecimento, em larga cadeira de palha da ilha, tomando a sua pitada, abanando-se com uma indolencia de creoula, e fazendo festas aos seus cacatús e papagaios.

As caixeiras eram sempre umas raparigas elegantes, desempenadas, muito bem penteadas, e que tinham a preoccupação das botas de polimento de tacão alto e bico estreito, que ellas mostravam com uma especial *coquetterie* de regateiras, aos cortadores Romeus que lhes faziam a côrte.

Maria Vicencia constituia a expressão unica e completa da praça da Figueira, e o seu nome tinha de tal fórma avassalado o mundo, a fama das suas melancias e maçãs soára tão longe, que o imperador do Brazil, na sua viagem a Lisboa, foi vel-a ao logar, e offereceu-lhe o seu retrato. Dizem que houve quem, n'essa occasião, visse erguerem-se attonitas algumas peras e aboboras que ella tinha a seu lado. O movimento era sempre estonteador n'aquelle recinto, onde os estomagos lisboetas punham todas as manhãs olhares ávidos e curiosos.

Moços espadaúdos e enxovalhados atravessavam a praça carregando pesadas canastras de fructas e hortaliças, e pisando e empurrando o publico sem a mais leve consideração.

No seu perigoso trajecto iam sempre dizendo *«com licença»*, da mesma fórma que poderiam dizer *«agua vae»*.

Um abalroamento com aquelles pachidermes de chinguiço e sacco, tornava-se sempre um perigo sério, porque ainda mesmo que o abalroado cahisse no chão, elles passar-lhe-hiam sobre o corpo, repetindo imperturbavelmente *«com licença»*.

A nota alegre da praça dizia respeito á phraseologia.

As mais onomatopaicas palavras eram ali proferidas em alta voz, aos quatro ventos, com grave escandalo da gente morigerada e pacata.

A' uma hora tocava ao levantar da feira, e ás tres, apenas alguns patos sérios e graves passeiavam no mercado os seus corpos d'um branco duvidoso.

A praça tinha tambem a sua festa tradicional nas vesperas dos populares santos, Antonio, João, e Pedro.

O mercado de fructas e hortaliças, levantado á uma hora, cedia logar a outro não menos procurado, de mangericos, palmitos, bugigangas e flores de papel, merecendo especialisar-se o cravo, todas acompanhadas d'uma bandeirinha em que se lia uma quadra do mais requintado lyrismo.

Os versos dos cravos da praça da Figueira teem entre nós uma tradição, senão poetica, pelo menos honrosa.

Eram todos versos honestos e apaixonados.

Correu em Lisboa que o sr. Luiz de Araujo era o unico e exclusivo arrematante d'aquella poesia, mas uma vez, por milagre, appareceu escripta na bandeirinha d'um modesto amor perfeito, uma quadra realmente bem feita na fórma e no genero.

Convenceram-se logo todos que o sr. Araujo nada tinha que ver com os versos d'aquelle mercado, e até hoje é segredo de abelha e mysterio profundo, a individualidade poetica que fornece todos os annos pelo menos 600 quadras sentimentaes.

A festa durava toda a noite, acompanhada por uns gorgeios peculiares dos cochichos de barro cheios de agua, e umas fifias unicas, de gaitas de folha sopradas por creanças, e não raras vezes por adultos.

Os mais apaixonados frequentadores d'esta diversão compunham-se de soldados, do bom burguez, e da rapaziada fina.

Familia honesta e remediada que se presasse devia por força comprar na praça um mangerico e um cravo. Estas festas tinham um bello cunho genuinamente nacional, cunho que o novo mercado jámais poderá reproduzir.

Tudo aquillo estava indecente, velho, deselegante, immundo e reprovado pelo aceio e pelo bom senso, mas n'aquellas tres noites festivas tinha essa indeffinivel nota de originalidade local, que não lhe poderiamos negar, sem praticarmos a maior das injustiças.

E o leitor que nos desculpe uma louca infantilidade que não podemos explicar.

Contra a nossa vontade, temos ainda hoje saudades da praça da Figueira tal qual a conhecemos em creança. E' que nem o mais deslumbrante luxo e garridice conseguem arrancar da alma as mais futeis recordações da infancia.

N'este ponto somos lamartinianos.

ALFREDO GALLIS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal

Anno, 52 numeros....	1$560	réis.
6 mezes, 26 numeros..	780	»
3 mezes, 13 numeros..	390	»
No acto da entrega....	30	»

Em todo o Brazil

Anno, 52 numeros...	8$000	rs.	fr.
6 mezes, 26 numeros.	4$000	»	»
Avulso..............	200	»	»

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

[illegible]